

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



AGROECOLOGIA E DECOLONIALIDADE: saberes de mulheres quilombolas do Baixo Tocantins nos quintais agrofloretais como resistência epistemológica no território

Terezinha de Jesus Pompeu de Castro¹

Resumo: O objetivo deste estudo foi evidenciar como os quintais agrofloretais e as práticas de cuidado com plantas medicinais constituem territórios de saberes das mulheres quilombolas do Baixo Tocantins, funcionando como instrumento de resistência epistemológica. A pesquisa se fundamenta no relato de experiência, com observação participante, entrevistas semiestruturadas e diálogos nos quintais produtivos, privilegiando a escuta e o reconhecimento do protagonismo feminino em quilombos como Cametá e Uxizal. Os resultados mostram que essas mulheres articulam manejo agroecológico com saberes espirituais, criando territórios de resistência, educação comunitária e valorização da memória ancestral. As práticas permitem transmissão intergeracional de conhecimentos, reforçando os quintais como espaços de cuidado da terra, cultivo de alimentos e manutenção de plantas medicinais, promovendo autonomia econômica, segurança alimentar e fortalecimento da identidade cultural. Conclui-se que os quintais agrofloretais atuam como territórios de resistência e re-existência, preservando a biodiversidade, a sustentabilidade dos recursos naturais e as tradições quilombolas. A agroecologia nos territórios quilombolas integra dimensões sociais, culturais, educacionais e ambientais, evidenciando o papel do conhecimento feminino na formulação de políticas públicas locais e na valorização da diversidade sociocultural amazônica. Foram identificadas como necessidades emergentes, além de políticas públicas, a incorporação desses manejos na Educação e outras medidas para fortalecer as práticas femininas nos territórios quilombolas.

Palavras-chave: Agroecologia; Quilombolas; Saberes Tradicionais; Resistência Epistemológica; Autonomia.

INTRODUÇÃO

A mulher negra é responsável pela formação de um inconsciente cultural negro brasileiro. Ela passou os valores culturais negros, a cultura brasileira é eminentemente negra, esse foi seu principal papel desde o início (Lélia Gonzalez).

A agroecologia e os quintais agrofloretais nas comunidades quilombolas da região do Baixo Tocantins são espaços de resistência e preservação de saberes tradicionais, especialmente sobre terra, plantas medicinais e produção alimentar. Geridos majoritariamente por mulheres, articulam conhecimentos ancestrais com práticas de sustentabilidade e

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade do Estado do Pará. Professora da Educação do Campo. Terezinha.ddecastro@yahoo.com.br

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIIDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



convivência comunitária (Andreati; Mota, 2022; Araújo; Sousa, 2021). Essas práticas revelam a interdependência entre território, corpo e cultura, expressando modos próprios de compreender a vida. Este estudo se insere na perspectiva da educação decolonial, reconhecendo toda a legitimidade desses saberes frente ao apagamento histórico colonial. Este estudo buscou articular agroecologia, educação e gênero, fortalecendo o papel feminino na preservação ambiental e cultural.

As mulheres quilombolas enfrentam desafios históricos relacionados à invisibilização de seus saberes e à marginalização nos processos de decisão sobre território, educação e produção agrícola. Seus conhecimentos sobre quintais agroflorestais e plantas medicinais muitas vezes não são reconhecidos pelas políticas públicas nem pela produção acadêmica (Dias *et al.*, 2020; Nascimento; Brilho; Quaresma, 2020). Esse contexto levanta a questão: *de que forma essas práticas constituem estratégias de resistência epistemológica e fortalecem a autonomia nos territórios tradicionais?* A problemática se situa na intersecção entre gênero, território e cultura, articulando dimensões sociais e ambientais. A investigação buscou então compreender como esses saberes contribuem para o fortalecimento comunitário e enfrentamento da lógica colonial e heteronormativa.

Este relato de experiência se fundamenta na vivência acadêmica e comunitária durante meu exercício profissional na Educação Escolar Quilombola. Uma rotina que inclui visitas aos quintais agroflorestais, diálogos com benzedeiras, curandeiras e puxadeiras, e participação em atividades de convivência comunitária, permitindo assim observar de forma direta as práticas agroecológicas e os saberes tradicionais de comunidades do Baixo Tocantins. A abordagem qualitativa e dialógica adotada possibilita uma análise que valoriza a escuta, o respeito e o reconhecimento das mulheres como detentoras de conhecimento ancestral. Ao optar pelo relato de experiência, este estudo articula teoria e prática, fortalecendo a compreensão dos processos educativos e culturais nos territórios quilombolas.

O objetivo geral desta pesquisa é *evidenciar como os quintais agroflorestais e as práticas de cuidado com plantas medicinais constituem territórios de saberes das mulheres quilombolas do Baixo Tocantins, se tornando instrumento de resistência epistemológica no território*. Busca-se assim demonstrar de que forma essas práticas fortalecem a resistência

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



 8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



epistemológica, promovem a educação comunitária e contribuem para uma maior preservação da biodiversidade e das tradições culturais. Além disso, pretende-se articular os saberes locais com as discussões sobre decolonialidade e gênero, mostrando como a agroecologia se entrelaça com a autonomia das mulheres e a sustentabilidade dos territórios quilombolas. O estudo espera, assim, reafirmar a relevância desses conhecimentos como parte essencial das políticas públicas e da Educação do Campo.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de relato de experiência, construída a partir do percurso no curso de pós-graduação em Educação Quilombola e Educação Escolar Quilombola. Durante o tempo-comunidade, foram realizadas visitas e pesquisas em diferentes territórios quilombolas. Nesses espaços, observaram-se diversos quintais produtivos e agroflorestais, nos quais as mulheres desempenham papel central na produção de alimentos, no cultivo de plantas medicinais e na manutenção de práticas ancestrais de cuidado e cura.

A pesquisa se fundamenta em uma abordagem qualitativa, baseada no diálogo, na escuta e na convivência com algumas mulheres quilombolas reconhecidas em suas comunidades como benzedadeiras, curandeiras e puxadeiras, detentoras de conhecimentos ancestrais transmitidos entre gerações (Gil, 2019). Essas práticas envolvem o uso de plantas medicinais, benzimentos, rezas etc., modos tradicionais e culturais de cuidado, profundamente relacionados à espiritualidade, à memória ancestral e à relação histórica dessas comunidades com a terra.

A região do Baixo Tocantins é formada pela presença de 38 comunidades quilombolas certificadas. Durante a pesquisa, foram visitados quilombos alguns quilombos, ex., Cametá, Itabatinga, Laranjal, Mangabeira, Mocajuba, Uxizal e outros. Nas experiências de campo, a pesquisadora interagiu diretamente com as mulheres em seus respectivos exercícios dentro das comunidades, acompanhando-as, dialogando, promovendo um lugar de fala e de escuta, onde seus saberes tradicionais e práticas agroflorestais pudessem ser reconhecidos e valorizados como formas legítimas de conhecimento.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



O público participante da pesquisa foi composto por cerca de 23 mulheres quilombolas, reconhecidas nas suas comunidades como benzedeiras, curandeiras, puxadeiras etc., e ainda responsáveis pelos quintais agroflorestais, detentoras de saberes tradicionais transmitidos entre gerações. O contato direto com essas mulheres permitiu observar toda a centralidade do protagonismo feminino na preservação dos saberes ancestrais e na organização desses territórios. Assim, as participantes foram vistas pela pesquisa como sujeitos ativos e fundamentais para compreender a resistência epistemológica nos quilombos.

O estudo utilizou procedimentos qualitativos, com observação participante, entrevistas e diálogos nos quintais agroflorestais. As atividades (visitas aos quintais agroflorestais, diálogos e entrevistas com mulheres, participação em atividades comunitárias, registros de campo e sistematização de dados) foram adaptadas conforme a disponibilidade dessas mulheres e as condições dos territórios, respeitando assim o ritmo comunitário. Registros de campo, fotos e anotações foram sistematizados para análise posterior. Eventuais mudanças nos cronogramas permitiram maior flexibilidade e aprofundamento nas experiências observadas.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Nas minhas observações práticas durante as visitas aos quilombos mencionados (Cametá, Itabatinga, Laranjal, Mangabeira, Mocajuba, Uxizal e outros do Baixo Tocantins), foi possível observar que os quintais agroflorestais geridos pelas mulheres quilombolas são espaços de resistência epistemológica, nos quais práticas ancestrais de cuidado com plantas medicinais e alimentos se articulam com conhecimentos ancestrais e contemporâneos de sustentabilidade. Como apontam Andreatta e Mota (2022), esses sistemas agroflorestais promovem ação coletiva e fortalecem vínculos comunitários entre comunidades, configurando territórios de produção e preservação ambiental.

Observei que a gestão feminina nos quintais não é apenas produtiva, mas ela é também simbólica, expressando saberes espirituais e culturais, alinhando-se à perspectiva decolonial de Haesbaert (2020). Além disso, observei ainda que essas práticas enfrentam preconceito social e invisibilização institucional, reforçando assim a importância do reconhecimento acadêmico e político desses saberes. Os quintais nesses espaços representam simultaneamente

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



resistência, educação e preservação cultural. Enquanto Almeida (2003) alerta sobre o risco da domesticação da agroecologia pelo mercado, enquanto os resultados observados reforçam sua função social e comunitária.

A centralidade dessas mulheres nos quintais agroflorestais revela toda a transmissão intergeracional de saberes e valores ligados ao cuidado da terra e das plantas², fortalecendo a autonomia local. Araújo e Sousa (2021) destacam que esse protagonismo feminino vai além da produção agrícola, englobando a educação comunitária e a organização social³. Essa atuação evidencia como os quintais se configuram como espaços de aprendizagem, resistência cultural e preservação da memória ancestral das comunidades quilombolas. E foi justamente nesse viés que interagi junto à essas mulheres para compreender suas subjetividades e reforçar o quanto seus conhecimentos e práticas são instrumentos de resistência (Figura 1).

Figura 1. Interações e diálogos da pesquisadora com as mulheres quilombolas



Fonte: Da pesquisa realizada (2025)

² Como, por exemplo, técnicas de cultivo como o consórcio de espécies, a rotação de culturas, o uso de adubos orgânicos e a associação de plantas medicinais e alimentícias, que promovem a biodiversidade, a saúde do solo e a manutenção de saberes tradicionais.

³ Elas promovem a educação comunitária realizando oficinas sobre plantas medicinais, transmitindo saberes agroecológicos para crianças e jovens e organizando rodas de diálogo para fortalecer a identidade e a memória coletiva da comunidade.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Durante as conversas, percebi que todas as práticas religiosas e espirituais⁴, inspiradas no Catolicismo e nas matrizes africanas, como a Umbanda e o Candomblé, reforçam a relação entre cuidado, corpo e território, mostrando assim que o conhecimento não se limita ao manejo agroecológico, mas também se articula com a dimensão cultural. Fernandes, Esmeraldo e Jalil (2019) ressaltam que esses saberes contribuem para a construção de autonomia e preservação da biodiversidade. Essas práticas demonstram que a agroecologia quilombola é inseparável da espiritualidade e da memória ancestral, evidenciando como o cuidado com a terra e com as plantas é também um ato de resistência cultural e epistemológica (Andreata; Mota, 2022). Os quintais se tornam espaços de ensino e resistência simbólica, mas carecem de reconhecimento social e político.

Os registros de campo demonstraram que o manejo agroflorestal realizado pelas mulheres envolve algumas diferentes técnicas aprendidas entre elas (ex., rotação de culturas, o uso de adubos orgânicos, troca de espécies etc.), além do uso medicinal das plantas⁵, evidenciando profundo conhecimento ecológico local. O plantio local é destinado ao consumo, uso medicinal, troca entre comunidades e comercialização, quase 100% da produção é destinada ao consumo, com o excedente direcionado aos demais manejos. Nesses espaços agroecológicos, as mulheres realizam atividades que vai desde o plantio, cultivo, colheita, produção de produtos etc.⁶, revelando um verdadeiro cuidado e expressando felicidade, como demonstra a Figura 2, onde uma mulher quilombola descasca mandioca para produzir farinha, enquanto uma outra demonstra satisfação no manejo agroflorestal:

⁴ No contexto dos quintais agroflorestais, as mulheres quilombolas realizam práticas religiosas como benzimentos e rezas inspiradas no Catolicismo, obrigações e oferendas da Umbanda, e alguns rituais de Candomblé, integrando espiritualidade, cuidado com a terra e transmissão de saberes ancestrais.

⁵ Nos quintais agroflorestais do Baixo Tocantins, destacam-se plantas medicinais como a babosa (*Aloe vera*), utilizada para queimaduras e cuidados com a pele; o boldo (*Peumus boldus*), empregado em chás para problemas digestivos; e a erva-cidreira (*Melissa officinalis*), usada para acalmar e auxiliar no sono e muitas outras.

⁶ Nesses quintais agroflorestais, além do plantio, cultivo e colheita, as mulheres realizam atividades como produção de sementes, preparo de compostos orgânicos, manejo de ervas medicinais, confecção de remédios caseiros, processamento de alimentos e manutenção do espaço para educação comunitária.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS

Realização



Fonte: Da pesquisa realizada (2025)

Além da produção alimentar, os quintais atuam como laboratórios de cuidado, saúde e educação, promovendo integração entre os membros da comunidade. Dionisio e Silveira (2022) destacam que a cartografia social evidencia a importância desses espaços para a organização política e cultural dos quilombos. As benzedadeiras, curandeiras e demais mulheres não apenas cuidam da saúde física, mas também reforçam laços sociais e culturais⁷, configurando modos próprios de educação comunitária. Nascimento, Brilho e Quaresma (2020) reforçam que tais práticas femininas são frequentemente invisibilizadas nas políticas públicas, mas desempenham papel central na sustentabilidade e preservação dos saberes. O quintal se configura, assim, como espaço multidimensional de resistência e aprendizagem, devendo ser visto pela Educação.

Santos (2023) e Coelho (2012) indicam que práticas que valorizam a biodiversidade e a sustentabilidade são centrais para a reprodução social camponesa, o que se confirma nas práticas quilombolas. A articulação de saberes tradicionais e técnicas agroecológicas reforça a ideia de território como espaço de aprendizagem e de resistência. Esses resultados, portanto, mostram como o conhecimento local se opõe às lógicas coloniais e mercadológicas. É nesses espaços que essas mulheres encontram oportunidades para “r-existirem” em suas

⁷ Elas fortalecem os vínculos sociais e culturais por meio da partilha de saberes, orientação espiritual e apoio comunitário, promovendo solidariedade, cooperação e preservação das tradições quilombolas.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



comunidades e circunvizinhanças. Para compreender melhor o sentimento delas, extraí algumas falas:

Qual o seu sentimento pelo quintal, o que ele representa para a senhora?

Participante 2 – Sentimento de amor gratidão e respeito pelo lugar onde eu moro ser tão rico e a partir do meu cultivo eu possa sustentar a minha família.

Participante 11 – De amor. Eu amo plantar as árvores garante o alimento e eu vendo também e compro as coisas.

Participante 14 – Aqui é o lugar onde a gente sobrevive. É onde tiramos a renda para sustentar a nossa família, então o sentimento que eu tenho pelo meu quintal é de gratidão por ter um espaço para poder plantar e alimentar a minha família.

Participante 21 – Espaço de liberdade, descobertas, paz e conexão com a natureza e memórias afetivas.

As falas das participantes revelam que os quintais agroflorestais não são apenas espaços de produção, mas são territórios carregados de significado afetivo, econômico e cultural. Sentimentos de amor, gratidão e pertencimento refletem a relação íntima entre mulheres e a terra, consolidando o quintal como instrumento de sustento familiar e educação comunitária. Ao mesmo tempo, essas percepções problematizam a invisibilização dos saberes femininos na agricultura e nas políticas públicas, destacando como o cuidado com plantas medicinais e alimentos se entrelaça à resistência epistemológica quilombola (Dias *et al.*, 2020). Assim, os quintais são espaços de autonomia, liberdade e transmissão de saberes ancestrais, desafiando a lógica colonial de apropriação e desvalorização do território e do conhecimento local.

Minha experiência evidenciou ainda que a integração entre a agroecologia, o gênero e a decolonialidade fortalece a compreensão das comunidades quilombolas como sujeitos ativos na gestão de seus territórios. Sá *et al.* (2018) aponta que a educação agroflorestal contribui para a valorização do conhecimento local, alinhando práticas tradicionais com processos educativos. A resistência epistemológica presente nos quintais evidencia que o conhecimento das mulheres quilombolas é crucial para a preservação ambiental, cultural e social. Redes de agroecologia e práticas comunitárias fortalecem a autonomia territorial local e a identidade quilombola. Dessa forma, os resultados reforçam a necessidade de reconhecimento, valorização e incorporação desses saberes em políticas públicas e educação do campo.

CONCLUSÕES

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Esta pesquisa revelou que os quintais agroflorestais das mulheres quilombolas do Baixo Tocantins vão muito além da produção alimentar, funcionando como espaços de transmissão intergeracional de saberes e práticas culturais. Essas práticas fortalecem a autonomia local e garantem a preservação de tradições ancestrais, reforçando a ligação entre território, corpo e cultura.

Os saberes agroecológicos e espirituais cultivados nesses quintais contribuem para a resistência territorial das comunidades, configurando uma forma de r-existência frente ao apagamento histórico e às pressões externas sobre seus territórios. O cuidado com as plantas medicinais e a manutenção de práticas religiosas tradicionais evidenciam que a agroecologia quilombola é também uma prática política e cultural.

A pesquisa reafirmou a importância do protagonismo feminino na consolidação desses espaços de resistência. As mulheres não apenas produzem alimentos, mas também educam, organizam socialmente e fortalecem os vínculos comunitários, tornando-se agentes centrais na preservação ambiental e cultural. Assim, os quintais agroflorestais emergem como territórios de conhecimento e de luta pela continuidade histórica e cultural dessas comunidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jalcione. A agroecologia entre o movimento social e a domesticação pelo mercado. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 499-520, 2003. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/temas/wp-content/uploads/2021/04/2003_agroecologia.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ANDREATA, Helton K.; MOTA, Dalva M. Sistemas agroflorestais como estratégia de ação coletiva em uma comunidade quilombola da Amazônia oriental paraense. **DMA – Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 60, n. 1, p. 393-412, 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/364403266_Sistemas_agroflorestais_como_estrategia_de_acao_coletiva_em_uma_comunidade_quilombola_da_Amazonia_oriental_paraense>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ARAÚJO, Maria I.; SOUSA, Silas G. A. Mulheres protagonistas dos quintais agroflorestais na hinterlândia amazônica. **Anais do XII Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais**, online, 2021, p. 01-07. Disponível em: <<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1138020/1/AnaisXIICBSAF-2021-p235a239.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



DIAS, Odenira C. *et al.* Quintais agroflorestais amazônicos: O protagonismo das mulheres quilombolas no baixo Tocantins, PA. *Desenvolvimento Rural Interdisciplinar*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 46-73, mai./nov., 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/revpgdr/article/view/111912/pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2024.

DIONISIO, Pâmela M. F. A.; SILVEIRA, Aline da F. S. Os territórios de quilombo no Brasil sob a perspectiva da cartografia social. *Revista da ABPN*, v. 14, n. esp., p. 232-255, 2022. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1455/1354>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

FERNANDES, Suyane de L. R.; ESMERALDO, Gema G. S. L.; JALIL, Laeticia M. Mulheres, agroecologia e convivência com o semiárido: Quintais produtivos e a caderneta agroecológica a desvendar forças sociais, produtivas e humanas. In: *Agroecologia*, Boletim n. 39, ECOECO, ed. especial, p. 62-8., ago., 2019.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. *GEOgraphia*, v. 22, n. 48, p. 75-90, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/43100/24532>>. Acesso em: 01 fev. 2025.

NASCIMENTO, Laudiane F.; BRILHO, Silvaneide S. Q. C.; QUARESMA, Solange B. Mulheres quilombolas e suas práticas de economia, solidária na região do Baixo Tocantins/PA. *Cadernos de Agroecologia*, [S.l.], v. 15, n. 02, p. 01-05, 2020. Disponível em: <<https://cadernos.abaagroecologia.org.br/cadernos/article/view/3831/3283>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

SÁ, Tatiana D. A. *et al.* O trem, a agroecologia e a atuação em rede: Caminhos e reflexões para o fortalecimento dos núcleos de estudos no nordeste paraense. *Revista Brasileira de Agroecologia*, [S.l.], v. 13, n. esp., p. 310-326, 2018. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1094247/1/artigoRBA.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2025.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2023.